

único lápis. Em momentos de intensidade, percebemos que na consciência *cabe* muito mais — cabem outros tempos, outros lugares. Por exemplo, não há um bom motivo para não nos lembrarmos de toda a infância de modo tão vívido quanto o experimentado por Proust quando levou à boca a *madeleine* embebida em chá.

O problema do homem não é tanto a estreiteza de sua consciência (que é importante e necessária), quanto o fato de ele viver perpetuamente num nível de *valor* muito inferior ao que o universo merece. A poesia, a música, o prazer sexual, as férias, a solução de crises podem momentaneamente elevá-lo a um nível superior. Mas como ignora a natureza fundamentalmente *intencional* de sua resposta à existência, ele tende a cair de volta na passividade e no esquecimento. No momento, sua “tendência à desvalorização” é inconsciente. Em primeiro lugar, urge que ele compreenda conscientemente sua “tendência à desvalorização”. Em seguida, precisa dar início a um processo de reavaliação consciente e disciplinado.

Devo ressaltar que tudo depende da compreensão dos mecanismos intencionais da consciência. Uma vez entendidos esses mecanismos, a pessoa passa a atuar à luz do dia. Até que alcance esse ponto, vive tateando na escuridão.

A extraordinária realização de Gurdjieff foi entender que a maioria de nossas limitações são arbitrárias, devidas ao hábito. Diz William James: “Parece não haver dúvida de que *todos somos até certo ponto vítimas da neurose do hábito* (...) Vivemos a todo instante impedidos de seguir em frente, barreados pela fadiga que só por hábito obedecemos. A maioria das pessoas pode aprender a afastar as barreiras e viver bem em níveis de poder mais elevados”. James cita o caso de um oficial da insurreição indiana capaz de uma resistência incrível na defesa de mulheres e crianças cujas vidas corriam perigo. É inegável que todos nós experimentaríamos níveis bem mais elevados de vitalidade se pudéssemos escolher uma vida mais interessante e cheia de aventuras. Mas o que a civilização faz é exatamente roubar à vida o elemento de risco e perigo. A descoberta de Gurdjieff foi que isso não representa necessariamente um retrocesso. Somos criaturas inteligentes, dotadas de mentes, e podemos imaginar exercícios e práticas tão excitantes quanto qualquer perigo físico. Essas práticas podem tornar nossa evolução — que até agora foi apenas acidental e ditada pela seleção natural — consciente e deliberada.

Neste ponto, cumpre mencionar um problema interessante: o do quarto escuro. Quando um ser humano é colocado num quarto totalmente escuro e silencioso, sua mente se destrói em questão de dias ou semanas.

O motivo é óbvio. Mesmo quando rodeado de estímulos físicos, o nosso senso de valor facilmente sofre erosão. Permitimo-nos cair pela espiral descendente. E isso ocorre ainda mais no quarto escuro. A tendência habitualmente negativa e desvalorizadora do homem provoca apenas o escoamento da mente, que não sente o repentino prazer ou os súbitos vislumbres de sofrimento e perigo que fazem recuperar o sentido de realidade. É como colocar uma pessoa

que tenha complexo de perseguição entre outras que *realmente* não gostem dela.

O sentido de valores do homem é fraco e doentio. O que, no entanto, não deve justificar o desespero cultural. Diagnosticar nosso “pecado original” de maneira tão clara já é situar-se a curta distância da solução.

Um discípulo de Gurdjieff certamente suportaria o quarto escuro durante mais tempo do que uma pessoa comum, simplesmente porque suas tendências neuróticas de autocomiseração, egoísmo e autodestruição se haviam dissipado ao menos parcialmente. Mas como o sistema de Gurdjieff depende muito de “exercícios” e de “trabalho” num sentido puramente físico, o quarto escuro apresentaria um obstáculo efetivamente formidável. A única resposta definitiva ao quarto escuro é desenvolver o “músculo do valor”, a capacidade de “dar um passo atrás” e assumir a visão do pássaro. O homem se torna divino não apenas pelo esforço, mas pelos valores. O bandido corso de Gurdjieff possui “essência”, mas isto é apenas o primeiro requisito. Inteligência, imaginação e criatividade são igualmente importantes. E nascem a partir do sentido de valores.

Em que medida isso tudo se relaciona com as “faculdades ocultas”? Nesta altura, a resposta pode ser formulada com alguma precisão.

A faculdade X representa uma sensação vívida da realidade de outros tempos e outros lugares. Tenho um livro de gravuras de Cornúlia de cem anos atrás, e a visão das antigas ruas calçadas de Penzance ou St. Austell produz em mim uma espécie de choque de encantamento, como o prender da respiração por prazer. Imaginemos que se descobrisse uma maneira de levar a mente ao passado, para que eu pudesse ver a rua em três dimensões e ouvir as pessoas daquele tempo. Imaginemos que se inventasse um método oculto pelo qual eu pudesse estar realmente presente à execução de Carlos I, ou assistir ao menino Mozart em seu próprio concerto a Maria Antonieta, ou entrever a face de Jack, o Estripador, quando ele passasse pelo claro da luminária de uma rua escura. O encantamento seria tão intenso, tão enorme seria a energia mental despertada, que eu jamais voltaria a ser o mesmo. Os níveis mais profundos de meu ser se agitariam de modo permanente, trazendo-me de volta à vida, e eu nunca mais me surpreenderia a dormir. Pois tendo presenciado tais maravilhas, eu jamais voltaria ao estado anterior de indolência sem imaginação.

Esse novo sentido de encantamento seria bem diferente da estranha excitação de Ouspensky durante as três semanas em que ele se tornou “telepata”. A telepatia de Ouspensky *aconteceu para ele*; essa intensidade seria algo que *eu mesmo faço*. Eu a controlaria, pelo meu conhecimento.

Ouspensky afirmou que durante seu período de telepatia era capaz de ver nitidamente a inutilidade dos métodos violentos de se conseguir alguma coisa. O anônimo discípulo de Gurdjieff escreveu que instintivamente sentia que não se deveria misturar com Crowley. O “radar espiritual” começa a operar quando a mente transborda de energia, e a mente transborda de energia quando sua percepção de valores é clara e intensa. Alcançar a Faculdade X em